Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.31387

A DUALIDADE DA ATENÇÃO: UMA ANÁLISE DA PSICOLOGIA SOCIAL SOBRE O CUIDADO E O CONTROLE NA MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Daniele Brunelli Jucá[1]
Darlan Tales Zantutti[2]

RESUMO: Nas últimas décadas, a atenção deixou de ser concebida apenas como uma função neuropsicológica isolada para ocupar posição estratégica nos discursos sobre produtividade, desempenho e autogestão. No cenário educacional e clínico, essa transformação tem sido acompanhada por uma expressiva expansão dos diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e pelo aumento no consumo de psicoestimulantes como o metilfenidato. Sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica e do referencial teórico da cognição inventiva de Virgínia Kastrup e Luciana Caliman, este artigo analisa de que maneira a dualidade da atenção, compreendida como a tensão entre o cuidado benevolente e o controle normativo, atravessa os processos de diagnóstico e medicalização da infância. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de natureza teórico-conceitual, fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental. A discussão aponta que a preferência institucional pela atenção cognitivista (ou tarefeira) tende a restringir a atenção inventiva e a fazer com que práticas de cuidado assumam funções de normalização e controle. O diagnóstico e a medicação operam como um *pharmakon*, oferecendo um alívio funcional imediato às demandas escolares, mas correndo o risco de produzir bioidentidades que reduzem o sofrimento psíquico a disfunções neuroquímicas. Conclui-se pela necessidade de deslocar o olhar do cérebro individual em direção às ecologias da atenção, resgatando a criança como sujeito de saber e promovendo formas de acolhimento que não exijam a normatização biológica para a inclusão social.

Palavras-chave: Medicalização da Infância. TDAH. Dualidade da Atenção. Psicologia Social Crítica. Pharmakon.

[1] Acadêmica do curso de Psicologia - Centro Universitário Campo Real.
[2] Psicólogo, professor do curso de Psicologia e orientador do trabalho - Centro Universitário Campo Real.

ABSTRACT: In recent decades, attention has ceased to be conceived merely as an isolated neuropsychological function to occupy a strategic position in discourses on productivity, performance, and self-management. In educational and clinical settings, this transformation has been accompanied by a significant expansion of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) diagnoses and an increase in the consumption of psychostimulants such as methylphenidate. From the perspective of Critical Social Psychology and the theoretical framework of inventive cognition by Virgínia Kastrup and Luciana Caliman, this article analyzes how the duality of attention, understood as the tension between benevolent care and normative control, permeates the processes of diagnosis and medicalization in childhood. This is a qualitative study of a theoretical-conceptual nature, grounded in bibliographic and documentary research. The discussion indicates that institutional preference for cognitivist (or task-oriented) attention tends to restrict inventive attention and to make practices justified as care assume functions of normalization and control. Diagnosis and medication operate as a pharmakon, offering immediate functional relief to school demands, but risking the production of bioidentities that reduce psychological suffering to neurochemical dysfunctions. The study concludes with the need to shift the focus from the individual brain toward attentional ecosystems, restoring the child as a subject of knowledge and promoting forms of reception that do not require biological standardization for social inclusion.

Keywords: Medicalization of Childhood. ADHD. Duality of Attention. Critical Social Psychology. Pharmakon.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, transformações significativas alteraram a forma como a atenção passou a ser concebida e valorizada nas sociedades contemporâneas. Longe de constituir um dado puramente biológico ou a-histórico, a atenção passou a ocupar posição estratégica nos discursos sobre produtividade, desempenho e gestão de si. Para compreender esse deslocamento, é fundamental recorrer às análises da Psicologia Social Crítica, que demonstram como a atenção foi alçada ao estatuto de fato científico e a vetor de normatização do comportamento, a partir do século XIX, consolidando o que se convencionou chamar de economia da atenção.

Nesse cenário de exacerbação das exigências de performance, o foco e a capacidade de concentração tornaram-se recursos escassos e cobiçados. Fomenta-se o imperativo da autogestão cognitiva, no qual o sucesso pessoal e acadêmico é atrelado à otimização constante do cérebro.

Conforme observa Nikolas Rose (2007), essa racionalidade biomédica favorece o surgimento do eu neuroquímico, resultando na produção de bioidentidades, isto é, formas de subjetivação organizadas em torno de categorias nosológicas, nas quais os sujeitos passam a compreender suas vivências, conflitos e dificuldades sociais prioritariamente a partir do funcionamento de seus neurotransmissores.

É no cerne dessa dinâmica que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) emerge como um analisador privilegiado. A problematização da epidemia diagnóstica não implica negar o sofrimento psíquico real de crianças, famílias e educadores; busca-se, ao contrário, investigar como esse sofrimento é capturado por um processo de medicalização que traduz problemas de ordem pedagógica, social e afetiva em patologias individuais. No cenário brasileiro, o aumento da produção e do uso de psicofármacos, em especial o metilfenidato, tem sido apontado como parte do processo de ampliação de respostas farmacológicas diante dos impasses do processo de escolarização (MALDONADO; CAMARGO JR., 2025).

A problemática central deste artigo reside na dualidade da atenção, conceito proposto por Virgínia Kastrup e Luciana Caliman (2023). As autoras argumentam que as práticas atencionais oscilam entre dois polos: o do cuidado benevolente, pautado no acolhimento da alteridade e da singularidade, e o do controle normativo, voltado à adequação comportamental. Na rotina das instituições, o cuidado frequentemente se transmuta em controle quando busca subordinar ou asfixiar a atenção inventiva (aquela aberta à criação, à pausa e ao surgimento do novo) em favor de uma atenção cognitivista ou tarefeira, direcionada estritamente ao cumprimento de metas e ao rendimento escolar.

Diante desse quadro, este artigo tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica e da teoria da cognição inventiva, de que maneira a dualidade da atenção contribui para a compreensão dos processos de diagnóstico e medicalização da infância. Busca-se responder à seguinte questão norteadora: em que medida o diagnóstico de TDAH e o uso do metilfenidato podem ser compreendidos como um *pharmakon*, isto é, associados simultaneamente a práticas legítimas de cuidado e a estratégias biopolíticas de normalização?

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza teórico-conceitual, com delineamento bibliográfico e documental (GIL, 2019;

MINAYO, 2014). A opção por esta modalidade justifica-se pela necessidade de tensionar e aprofundar conceitos fundamentais da Psicologia Social Crítica, visto que a pesquisa social de cunho qualitativo dedica-se à compreensão de fenômenos humanos e sociais complexos por meio do exame analítico e reflexivo da literatura científica e documental (MINAYO, 2014).

O percurso metodológico organizou-se em três etapas operacionais integradas. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico abrangendo duas frentes complementares: obras primárias dos autores protagonistas do debate sobre atenção e subjetividade (Virgínia Kastrup, Luciana Caliman, Nikolas Rose, Ian Hacking e Michel Foucault) e produções crítico-documentais sobre medicalização da educação e TDAH (Maria Helena Souza Patto, Cecília Collares, Maria Aparecida Moysés, Kenneth Camargo Jr. e Matheus Maldonado).

Em seguida, os textos selecionados foram submetidos a leituras analíticas para a extração e cruzamento dos conceitos que estruturam o presente estudo, especificamente: economia da atenção, biologia moral, cuidado benevolente, controle normativo, atenção cognitivista versus atenção inventiva, atenção conjunta, efeito de arco e pharmakon. Finalmente, o tratamento das informações se pautou na interpretação reflexiva e na articulação conceitual das fontes, buscando investigar de que maneira as exigências institucionais de produtividade e normalização transformam o cuidado em estratégias biopolíticas de controle do comportamento infantil.

3. A ATENÇÃO COMO DISPOSITIVO BIOPOLÍTICO E FATO CIENTÍFICO

Para compreender a emergência do TDAH como uma das categorias psiquiátricas frequentemente diagnosticadas na infância contemporânea, torna-se indispensável analisar a história social e científica da atenção. Como demonstra Luciana Caliman (2006, 2010), a capacidade atencional nem sempre foi entendida como uma função neuroquímica localizada no cérebro. No período iluminista do século XVIII, o foco e a concentração eram concebidos prioritariamente como faculdades mentais ou virtudes morais ligadas à razão, à vontade e ao esforço individual do sujeito moral.

Contudo, ao longo do século XIX, com o avanço da neurofisiologia e das exigências da industrialização, ocorreu um processo de redefinição no qual a atenção foi corporificada e cerebralizada. Promoveu-se o que Caliman denomina de biologia moral da atenção, mediante a

qual virtudes de autocontrole, disciplina e moderação passaram a ser descritas como mecanismos neurofisiológicos de inibição cortical. Por essa via, a incapacidade de sustentar a atenção e inibir impulsos passou de forma progressiva a ser compreendida também em termos neurofisiológicos, favorecendo sua naturalização como um déficit patológico do cérebro.

Essa biologização da conduta insere-se no contexto da economia da atenção, conceito discutido por Yves Citton e Virgínia Kastrup. Na sociedade de informação e hipermídia, a atenção assume um crescente valor e pode se tornar um recurso intensamente disputado. Exige-se dos indivíduos uma capacidade contínua de autogestão e rendimento. Aqueles que não conseguem responder às demandas de produtividade e foco contínuo das instituições escolares e corporativas podem ser associados a experiências de fracasso e inadequação. Conforme aponta Nikolas Rose (2007), instala-se a cultura do eu neuroquímico, na qual os indivíduos passam a gerenciar seus cérebros como mercadorias e a expressar suas angústias existenciais através do vocabulário dos neurotransmissores.

4. A DUALIDADE DA ATENÇÃO NAS INSTITUIÇÕES: CUIDADO VS. CONTROLE

A contribuição teórica fundamental de Virgínia Kastrup e Luciana Caliman (2023) consiste em explicitar que a atenção não é um bloco monolítico, mas uma prática marcada por uma tensão ética constitutiva: a dualidade entre o cuidado benevolente e o controle normativo. As instituições escolares e de saúde frequentemente justificam suas intervenções em nome do cuidado e da proteção da infância. No entanto, quando esse cuidado é subordinado a normas rígidas de desempenho, ele pode assumir funções de normalização e controle.

As autoras diferenciam dois regimes ou modalidades atencionais distintas nas práticas educativas:

Atenção Cognitivista ou Tarefeira: É o modelo amplamente valorizado pelas instituições. Caracteriza-se por ser funcional, utilitária e focada na execução eficiente de tarefas predeterminadas. Pode privilegiar silêncio, imobilidade e produtividade contínua. Sob essa lógica, desvios do foco planejado podem ser interpretados como um déficit ou falha inibitória a ser corrigida (KASTRUP; CALIMAN, 2023).

Atenção Inventiva (Poiesis): Em contraposição ao modelo funcional, a atenção inventiva constitui uma política cognitiva aberta à emergência do novo e à criação de novos sentidos. Ela opera na concentração sem focalização rígida, acolhendo a pausa, a errância e os

espaços de hesitação como momentos fecundos da aprendizagem. Para a teoria da cognição inventiva, a distração não é necessariamente uma patologia, mas pode representar uma forma de sensibilidade da criança diante da alteridade e do mundo (KASTRUP; CALIMAN, 2023).

Quando a escola prioriza exclusivamente a atenção tarefeira, pode acabar restringindo as possibilidades de manifestação da atenção inventiva, produzindo formas de inclusão condicionadas às exigências institucionais de comportamento, desempenho e adaptação. A superação da lógica individual de vigilância é problematizada por Kastrup, Caliman e Citton ao pensarem no cultivo da atenção conjunta (*joint attention*). Nesse sentido, trata-se de uma prática relacional e ética que tem como base a co-presença, reciprocidade e sintonia afetiva, na qual educadores e psicólogos passam a prestar atenção com a criança, em um ecossistema atencional compartilhado, e não apenas atenção a um suposto déficit biofisiológico (KASTRUP, 2007; KASTRUP; CALIMAN, 2023; CITTON, 2014).

5. O DIAGNÓSTICO COMO PHARMAKON E A PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR

A problematização do psicodiagnóstico crítico exige compreender que a nomeação médica não é neutra. Apoiando-se na teoria dos atos de fala e em estudos de filosofia da linguagem (AUSTIN, 1990; HACKING, 2009), verifica-se que o diagnóstico psiquiátrico opera como um ato declarativo que produz realidade. Ao classificar uma criança com TDAH, pode-se desencadear o que Ian Hacking denomina de efeito de arco (looping effect): a categoria médica pode modificar a percepção que a criança, a família e a escola têm sobre essa condição, fazendo com que o sujeito passe a agir e a se conceber conforme as expectativas do rótulo, consolidando uma bioidentidade.

No contexto educacional brasileiro, autoras como Maria Helena Souza Patto, Cecília Collares e Maria Aparecida Moysés denunciam há décadas a medicalização do fracasso escolar (COLLARES; MOYSÉS, 1996; PATTO, 2015). Trata-se de um mecanismo institucional que desloca a origem dos problemas de aprendizagem (métodos de ensino desinteressantes, salas superlotadas, condições precárias de trabalho e desigualdades sociais) para o interior do corpo infantil. O diagnóstico de TDAH e a prescrição do metilfenidato podem funcionar, desse modo, como respostas médicas a contradições também pedagógicas, culturais, históricas e políticas.

Nesse horizonte, o diagnóstico e a intervenção farmacológica podem ser compreendidos como um *pharmakon*, termo que Derrida aponta para os sentidos ambivalentes, podendo designar simultaneamente remédio e veneno (DERRIDA, 2005). Como remédio, a medicação pode oferecer alívio funcional temporário para o sofrimento da criança e das famílias sobrecarregadas, podendo favorecer sua adaptação às exigências da escola. No entanto, como veneno, o uso do fármaco pode contribuir para o silenciamento de conflitos de ordem subjetiva, social e pedagógica, restringindo as potencialidades criativas e favorecendo leituras do sofrimento a partir de uma lógica biologizante. A crítica da Psicologia Social não reside na interdição absoluta do fármaco, mas na denúncia de sua transformação no único horizonte de resposta ao sofrimento infantil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico desenvolvido neste estudo partiu da hipótese de que o TDAH pode ser compreendido para além de interpretações estritamente neurobiológicas, considerando os processos históricos, sociais e políticos que atravessam sua expansão diagnóstica na infância contemporânea. A investigação possibilitou discutir como a atenção se consolidou como um fato científico e um valor econômico central, cuja gestão institucional frequentemente tensiona os limites entre o cuidado e o controle.

Observou-se que a centralidade e a predominância da chamada atenção cognitivista ou tarefeira nas instituições podem, em certa medida, desqualificar formas singulares de manifestação e expressão, bem como a atenção inventiva e criativa das crianças, podendo favorecer a transformação de impasses de ordem pedagógica em problemas individuais. Ao operar como um ato de fala produtor de bioidentidades e ao desencadear o efeito de arco, o diagnóstico corre o risco de confinar o sujeito ao modelo do cérebro desordenado, promovendo uma normalização que silencia a singularidade.

Frente a esse cenário, persistem indagações fundamentais para a continuidade do debate na Psicologia Social:

Como a Psicologia Social pode auxiliar na construção de ecossistemas atencionais que resistam à lógica do controle e valorizem a pausa, a dúvida e a errância como dimensões legítimas do aprender?

De que maneira as instituições educativas e de saúde podem transformar práticas de fiscalização em experiências de atenção conjunta, substituindo formas de vigilância pelo prestar atenção com o sujeito?

Em última análise, o compromisso ético e político da Psicologia pode contribuir para resgatar o lugar da criança como sujeito de saber. Isso exige construir caminhos de acolhimento e cuidado que não condicionem a inclusão na vida social à renúncia da potência inventiva e à adequação exclusivamente medicamentosa do corpo infantil.

7. REFERÊNCIAS

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CALIMAN, Luciana Vieira. **A biologia moral da atenção**: a constituição do sujeito desatento. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CALIMAN, Luciana Vieira. Notas sobre a história oficial do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 46-61, 2010. DOI: 10.1590/S1414-98932010000100005.

CITTON, Yves. **Pour une écologie de l'attention.** Paris: Éditions du Seuil, 2014.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização.** São Paulo: Cortez, 1996.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3. ed. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HACKING, Ian. Emoldurando pessoas: os efeitos de arco. **RAPS – Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v. 1, n. 2, p. 1-22, 2009.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virgínia; CALIMAN, Luciana Vieira. **A atenção na cognição inventiva: entre o cuidado e o controle.** Porto Alegre: Editora Fi, 2023. DOI: 10.22350/9786559176960.

MALDONADO, Matheus de Matos; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. A epidemia de TDAH: medicalização, mercado e a expansão de diagnósticos psiquiátricos. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 29, e250144, 2025. DOI: 10.1590/interface.250144.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** 4. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2007.